

Entre a falta de tempo e a vontade de estudar

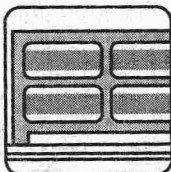
Luta diária pela sobrevivência atrapalha sonho

Tempo bom que não volta mais. Assim Sidnei Mendes Araújo, de 17 anos, se refere aos "anos dourados" que passou no Ciep Tancredo Neves. Foi lá que, durante as aulas na biblioteca, aprendeu a apreciar os livros. Mas para poder dedicar ao menos uma hora de seu dia ao hábito da leitura adquirido no primário, diz que teve de abrir mão da escola quando estava na 6ª série da Escola Municipal Rodrigues Alves, no Catete. Há quatro anos, das 7h às 19h30m, vende cigarros numa banca na Rua do Catete. Segundo ele, o trabalho estava tomando todo o seu tempo:

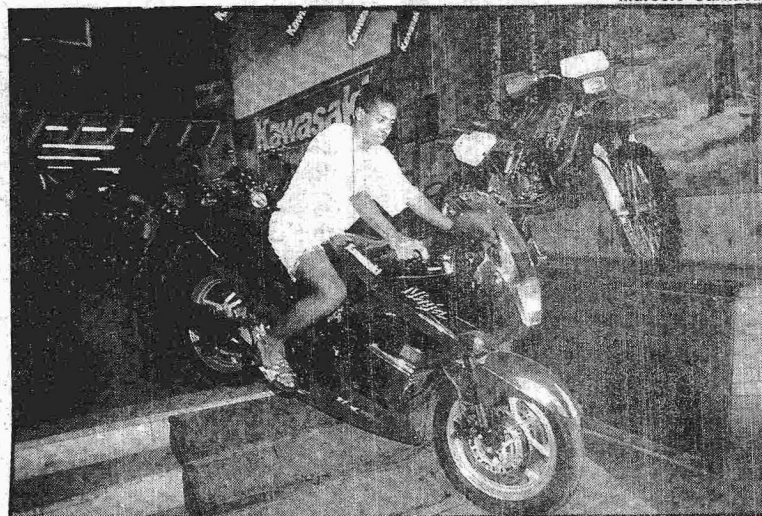
— Não dava para conciliar. Mas estou pensando em dar um jeitinho para estudar. Somente com o Primeiro Grau completo terei condições de arrumar um emprego fixo, com carteira assinada.

A leitura também é a atividade preferida de Felipe de Jesus da Cruz, de 19 anos, que está na 7ª série da Escola Municipal Gonçalves Dias, em São Cristóvão, e trabalha como mecânico na By Magoo, revendedora autorizada de motos Kawasaki. No momento, livros sobre gravidez e parto dominam a sua cabeceira, enquanto aguarda o nascimento de sua primeira filha, Ingrid, previsto para outubro. Ganhando cerca de R\$ 250 por mês, espera concluir o Primeiro Grau para prestar exames para a Polícia Civil, sua segunda paixão, depois das motos:

— Fiquei dois anos sem estudar por causa das mudanças de residência. Agora, casado e estabelecido profissionalmente



Luís Cláudio: 'Meu futuro está no gramado; acho que tenho chances'



Felipe de Jesus: 'Agora tenho mais tempo para me dedicar à escola'

há quatro anos, tenho mais tempo para me dedicar à escola. Isto é, até o bebê chegar.

Os livros não fazem parte dos planos de Júlio César Pereira Mesquita, de 18 anos, que há dois meses largou a 5ª série da Escola Municipal José de Alencar, em Laranjeiras, por "motivos de força maior": está se alistando no Exército.

Luís Cláudio Corrêa Pascoal, de 17 anos, vai levando o estudo, enquanto sua família impede que se dedique inte-

gralmente à sua paixão: o futebol. Cursando a 8ª série no Liceu Literário Português, no Centro, lembra que a sua aula preferida era a de educação física, quando podia "bater uma bolinha".

— Não quero ir além do Segundo Grau. Há dois meses estou treinando como goleiro no núcleo do Vasco, na escolinha do Grêmio Recreativo do IAPC de Irajá. Descobri que meu futuro está no gramado e estou levando o futebol a sério. Acho que tenho chances.

Treze ainda tentam acabar o Primeiro Grau

Numa turma tão heterogênea, seria difícil imaginar o que aconteceria quase dez anos depois com a "geração Ciep". Treze ex-alunos tentam completar o Primeiro Grau em escolas do Rio. Alguns conseguem conciliar escola e trabalho. Outros abandonaram as salas de aula para tentar um emprego que traga garantias de um futuro melhor.

Fernando Batista da Silva, de 17 anos, concilia estudo e trabalho. Há um ano e quatro meses faz estágio no Departamento de Análise de Crédito (Dacr) do Banerj. À noite, cursa, pela segunda vez, a 6ª série na Escola Municipal Rodrigues Alves, no Catete. Ele tem esperanças de chegar à faculdade de informática:

— Vim para o Banerj através de um curso profissionalizante que fiz na Feem (Fundação Estadual de Educação do Menor). Como trabalho com computadores, pretendo seguir a carreira e, por isso, quero continuar estudando. Na época do Ciep, os professores faltavam muito e eu só queria brincar. Agora, é diferente.

Os irmãos Marcos Francisco e Michel Marcos de Oliveira, de 16 e 15 anos, respectivamente, moradores do Parque Vila Isabel, estão seguindo a trilha de Fernando. Marcos, na 6ª série da Escola Municipal República Argentina, em Vila Isabel, trabalha como copeiro à noite no Clube Municipal, na Tijuca, enquanto Michel, que cursa a 5ª série, é ajudante de cozinha, nos fins de semana, no mesmo clube. Marcos quer ser engenheiro eletrônico. Michel sonha com qualquer profissão que lhe dê uma carteira de trabalho assinada.

Marcelo Carnaval

Marcelo Carnaval